

EDITORIAL

O número 49 da revista *Estudos em Avaliação Educacional* destaca a avaliação formativa como objeto de estudos e apresenta a questão vista a partir de diferentes áreas do conhecimento em diversos níveis de ensino.

A avaliação formativa vem sendo debatida como proposta de avaliação escolar há algumas décadas e, apesar das múltiplas definições que já se cunharam para ela, entende-se que essa perspectiva avaliativa pressupõe, essencialmente, a construção e utilização de parâmetros e instrumentos que permitam conhecer os saberes trabalhados e aprendidos, bem como as atitudes e as capacidades que se almeja desenvolver e, simultaneamente, prover indicações para os alunos acerca do que é necessário corrigir ou melhorar na aprendizagem. Domingos Fernandes em artigo no número 41 desta revista já ressaltou que “[...] a verdade é que continua a ser difícil integrar as práticas de avaliação formativa nas salas de aula” e atribui tal dificuldade à formação dos professores; às dificuldades com a gestão do currículo; às concepções dos professores acerca da avaliação formativa; à organização e funcionamento das escolas; às pressões da avaliação externa e especialmente à “falta de clareza conceptual e de um sólido referencial teórico em que as práticas de avaliação formativa se possam apoiar”. Esta edição da EAE coloca em debate essa dificuldade, retrata tentativas de se trabalhar bem sucedidamente com essa prática e quais as fragilidades que se apresentam com maior frequência.

O trabalho de Giovana Chimentão Punhagui e Nadia Aparecida de Souza, “Avaliar para aprender: a construção de uma realidade” sugere, com base na análise realizada sobre as práticas avaliativas do Certificado em Ensino de Língua Inglesa para Adultos (Celta), possibilidades de viabilizar a avaliação formativa em sala de aula, salientando seus aspectos positivos para a aprendizagem dos alunos.

Dirce Aparecida Foletto de Moraes, em “Prova: instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem” apresenta uma reconstrução do instrumento prova, a partir do discurso e da prática pedagógica de docentes dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. Os resultados apontam que a prova, na quase totalidade das vezes, continua sendo utilizada como instrumento apenas classificatório e contrapõem essa perspectiva ao uso da mesma como ferramenta formativa, com a qual o aluno pode superar obstáculos, aperfeiçoar seu percurso e construir sua aprendizagem de forma mais significativa.

Na mesma direção do anterior, o artigo “A prova escrita como instrumento de avaliação da aprendizagem do aluno de Ciências”, de Aline Cristiane Nuhs e Daniela Tomio, expõe um estudo realizado em Blumenau a respeito do sentido que professores e alunos de ciências atribuem à prova escrita. Destaca que, em geral, ela é vista pelos professores como um instrumento para verificar a apreensão de fatos e pelos estudantes como um instrumento para o professor e não como um indicativo para avaliar sua própria aprendizagem.

Áreas da educação básica como Educação Física e Artes, também investigam a questão da avaliação formativa, e a concepção dos docentes dessas disciplinas tem voz nos artigos “Avaliação da aprendizagem em educação física: uma escrita autopoietica” e “A avaliação da aprendizagem em arte: sendas percorridas”. No primeiro, os variados currículos existentes para educação física revelam diferentes concepções de avaliação para a área e a pesquisa realizada por Nyna Taylor Gomes Escudero e Marcos Garcia Neira e identifica que para os professores que trabalham com o currículo cultural da Educação Física a avaliação não tem um viés classificatório e excludente, tem as características de um processo e permite aventar sua dimensão autopoietica. O segundo, escrito por Ana Luiza Bernardo Guimarães e Nadia Aparecida de Souza, é um estudo de abordagem qualitativa realizado na rede pública do município de Assis/SP. Constatou-se, em termos de avaliação da aprendizagem em Arte, a existência de um hibridismo dos modelos pedagógicos. Pontualmente foi possível encontrar a presença de uma concepção formativa, compreendida como aquela que contribui para a superação das dificuldades.

No artigo, “Análise do vestibular 2009-I da UFLA usando a TRI”, os autores Maria de Lourdes Lima Bragion, Júlio Sílvio de Sousa Bueno Filho e Fábio Mathias Corrêa analisam as questões de múltipla escolha do vestibular 2009-I da Universidade Federal de Lavras (UFLA) por meio da TRI, a fim de identificar quais propriedades dos itens o classificam como melhor ou pior. Verificou-se que os itens

mais difíceis tendem a ser mais discriminativos e informativos para selecionar os candidatos mais hábeis.

O texto “Aprendizagem e relação professor-aluno na universidade: duas faces da mesma moeda” de Cenilza Pereira dos Santos e Sandra Regina Soares, permite constatar que as representações dos participantes sobre a relação entre professores e estudantes contemplam, de um lado, um discurso idealizado acerca do papel do professor, como mediador da aprendizagem e da participação ativa e comprometida do estudante, e, de outro, práticas estudantis baseadas na heteronomia, no medo de se expor e ser repreendido pelo professor. Essa significação construída durante as vivências escolares foi reforçada pelas práticas vivenciadas na universidade que se distanciaram pouco das experiências anteriores e, dessa forma, não contribuíram, efetivamente, para a ressignificação de tais representações.

O trabalho apresentado por Gisleine Correa Bezerra e Regina Luzia Corio de Buriasco, “Análise da produção escrita de alunos em uma questão relacionada à Aritmética”, vale-se da análise de estratégias, procedimentos utilizados e da forma como os estudantes lidaram com as técnicas operatórias das operações aritméticas, em produções escritas de alunos paranaenses que participaram da aferição do Pisa/2006 na resolução de uma das questões de Matemática, para identificar indícios do pensamento aritmético e aspectos da matematização horizontal presentes nos seus registros escritos.

Por fim, o artigo intitulado “Grupos de apoio: duas experiências em cotidianos diversos” de Célia Magalhães de Souza e Sonia Regina Potenza Guimarães Pinheiro tem o objetivo de mostrar como as diversas ações desenvolvidas no grupo de apoio, por meio de duas experiências apresentadas por diretoras de escolas, propiciam um movimento de construção e reconstrução conjunta, colaborativa e reflexiva, permitindo, dessa forma, um novo olhar para a formação de professores em serviço, bem como para mudanças e transformações das práticas em cenário escolar.

Com isso, o conjunto de artigos reunidos nesta edição procura colaborar com o debate e com o desenvolvimento de práticas avaliativas capazes de estimular cada vez mais a melhoria do ensino oferecido e das aprendizagens que ocorrem em sala de aula.

Comitê Editorial